

# *Torres sineiras a norte do Douro nos Séculos XVII-XVIII (I)*

JOAQUIM JAIME B. FERREIRA-ALVES

As torres sineiras das igrejas do Convento de São Domingos de Vila Real, de São João de Arroios e de São Martinho de Anta

Ao Manuel José da Veiga e Silva Gonçalves

## **Resumo**

*O presente trabalho insere-se num estudo que pretendemos fazer sobre as torres sineiras a Norte do Douro dos séculos XVII e XVIII. A sua datação, análise formal e localização em relação à igreja, são algumas das nossas preocupações. Devido à dimensão da área escolhida para a pesquisa resolvemos iniciar este trabalho por Vila Real e o seu termo, razão pela qual, neste nosso primeiro estudo, a pesquisa incidiu sobre a torre da igreja do Convento de São Domingos, e as torres sineiras das igrejas de São João de Arroios e de São Martinho de Anta.*

**Palavras chave:** torre sineira; arquitectura religiosa

## **Abstract**

*The present work is part of a study we want to do about the tower-bells located in northern Douro during the XVII th. and XVIII th. centuries. Their datation, formal analysis and situation in relation with the church, are some of our concerns. Due to the dimension of the chosen research area we decided to start this study by Vila Real and its limits; this was the reason why our research focused the church tower of São Domingos Convent, and the tower-bells of the churches of São João de Arroios and of São Martinho de Anta.*

**Keywords:** tower-bell; religious architecture

## 1. Introdução

A partir do momento em que a torre sineira<sup>1</sup>, «une chambre sonore au-dessus d'un piédestal très élevé»<sup>2</sup>, aparece associada aos edifícios de culto (difunde-se a partir do século VIII), tornou-se, tanto na sua forma autónoma<sup>3</sup>, como inserida na igreja ou capela<sup>4</sup> – «Può essere isolato o far corpo con la chiesa stessa»<sup>5</sup> – numa estrutura inseparável da paisagem e da vivência do mundo cristão. Aparecendo ao longo dos tempos nas mais variadas formas, edificada nos mais diversos materiais (madeira, tijolo e, partir do século IX<sup>6</sup>, em pedra, material que acentuaria a sua monumentalidade), seguindo as tendências de cada época, torna-se, por vezes, no elemento carismático na cidade, como aconteceu, a título de exemplo, com a torre sineira, levantada no Porto, entre 1757 e 1763, e que faz parte do conjunto constituído pela igreja e enfermaria dos Clérigos.

Dois temas são essenciais para o estudo da torre sineira: a forma como se apresenta e a localização em relação ao edifício. No primeiro caso, e na sua forma mais comum, a torre sineira<sup>7</sup> é constituída por: um alto e «sólido pedestal» – frequentemente de planta quadrangular<sup>8</sup>, podendo apresentar-se também de forma circular, ou poligonal<sup>9</sup> – dividido, na maior parte dos casos, em andares<sup>10</sup>, e rema-

<sup>1</sup> «Espèce de tour, élevée au-dessus ou à côté d'une église, destinée à contenir les cloches. Il y a ordinairement dans un clocher deux parties bien distinctes : la tour ou clocher proprement dit, et la flèche qui la surmonte». BOSC, Ernest – *Dictionnaire raisonné d'architecture et des sciences et arts qui s'y rattachent*, vol. I. Paris : Librairie de Firmin-Didot, 1877, p. 471.

<sup>2</sup> GUADET, Julien – *Éléments et théorie de l'architecture*, vol. III. Paris : Librairie de la Construction Moderne Éditeur, s/d, p. 430.

<sup>3</sup> «Les clochers ont tout d'abord été une adjonction à d'anciennes églises, et de là est venu ce fait que beaucoup d'églises, et non des moindres, ont des clochers extérieurs et isolés. [...] C'est de ce fait qu'est née sans doute une confusion persistante : pour beaucoup de personnes, même pour des architectes, *campanile* est synonyme de *clocher isolé*, et je me rappelle des programmes de vos concours dont le titre était «un campanile ou clocher isolé». C'est une erreur : *campanile*, mot qui vient de *campana*, cloche, veut dire exactement la même chose que clocher, mot qui vient de *cloche*, *clossa*. Il n'y a là qu'un fait, c'est que le campanile, ou clocher italien, a été plus souvent isolé que le clocher français ou occidentale.». GUADET, Julien – ob. cit., vol. III, p. 429-430.

<sup>4</sup> «Les clochers attenants aux églises sont beaucoup plus nombreux que les clochers isolés». GUADET, Julien – ob. cit., p. 440.

<sup>5</sup> MASCIOTTA, Michelangelo – *Dizionario di termini artistici*. Firenze: Felice Le Monnier, 1969, p. 37.

<sup>6</sup> «Dans les premiers temps où les chrétiens firent usage des cloches, c'est-à-dire vers les VI et VII siècles, les cloches des églises furent en bois ; ce n'est guère que vers le IX siècle qu'ils furent construits en pierre». BOSC, Ernest – ob. cit., vol. I, p. 471.

<sup>7</sup> «Clocher – Ouvrage de maçonnerie, le plus souvent une tour, abritant les cloches d'une église». NÉRAUDAU, Jean-Pierre – *Dictionnaire d'Histoire de l'Art*. Paris : Presses Universitaires de France, 1985, p. 118.

<sup>8</sup> «Grosses tours rondes à l'époque carolingienne, ils deviennent carrés à l'époque romane». DUTRAIT ; Liliane – ob. Cit., II.

<sup>9</sup> «Ha pianta quadrata, o poligonale, o circolare». MASCIOTTA, Michelangelo – ob. cit., p. 37.

<sup>10</sup> «pour l'entretroisement de la construction, et d'un escalier». GUADET, Julien – ob. cit., p. 431. «Ordinariamente il campanile si alleggerisce dal basso all'alto sia con aperture progressivamente più ampie (monòfore, bifore, trifore, quadrifore, logge) che con la rastremazione». MASCIOTTA, Michelangelo – ob. cit., p. 37.

tado por uma estrutura coberta, a «chambre sonore», onde grandes vãos permitem a saída do som dos sinos<sup>11</sup>. Na inexistência de torre, os sinos são colocados em sineiras, na parte superior da fachada, ou de uma das suas paredes laterais, ou ainda, o que é menos frequente, em estruturas separadas da igreja ou capela.

Em relação à sua localização no edifício, a torre sineira<sup>12</sup> aparece essencialmente: nos ângulos da fachada (uma de cada lado); num dos lados do frontispício; na parte posterior da cabeceira; adossada a um dos lados da capela-mor ou na cabeceira da mesma; no prolongamento da portada principal («clocher-porche»<sup>13</sup>); e isolada, o que acontece poucas vezes no caso português. Na sua ligação com o edifício apresenta duas variantes essenciais: «uma como tramo-torre, a que correspondem as torres integradas na fachada, e outra como torre, a que correspondem as torres justapostas»<sup>14</sup>.

Com este trabalho damos início a um levantamento tipológico das torres<sup>15</sup> sineiras (campanários<sup>16</sup>) a Norte do Douro, onde procuraremos estudar as diversas formas que aquela estrutura arquitectónica apresenta na região escolhida para a nossa investigação. Devido à vastidão da área de acção optou-se, numa primeira fase, pelo distrito de Vila Real, do qual foram seleccionados três exemplos.

## 2. A torre da igreja do Convento de São Domingos de Vila Real (1743)

Quando os dominicanos de Vila Real mandaram levantar, a partir de 1743<sup>17</sup>, uma torre sineira, dotaram a então vila de uma construção que, juntamente com a cabeceira da capela-mor<sup>18</sup> e com a fachada do dormitório<sup>19</sup> formam um notável

<sup>11</sup> «Logiquement, la chambre sonore sera très ouverte pour permettre la sortie du son, le piédestal sera robuste et plein, car cette hauteur exige une construction très solide, et les vibrations, comme le balancement de la cloche, réclament aussi une grande solidité de tout ce qui la porte». GUADET, Julien – ob. cit., vol. III, p. 430.

<sup>12</sup> RODRIGUES, Luís Alexandre – *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*, vol. I. Bragança: 2001, p. 731-788.

<sup>13</sup> «le clocher-porche est une tour dont l'étage inférieur forme le porche de l'église». NÉRAUDAU, Jean-Pierre – ob. cit., p. 118.

<sup>14</sup> QUINTÃO, José César Vasconcelos – *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico*. Porto: FAUP publicações, 2005, p.215.

<sup>15</sup> Torre – «Construção estreita e alta, insulada ou anexa à igreja, o m. q. campanário.» (*Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol. XII. Lisboa: Amigos dos Livros Editores, 1981, p. 102)

<sup>16</sup> Campanário – «parte da frontaria da igreja com as aberturas destinadas às campanas ou sinos» (*Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol. II. Lisboa: Amigos dos Livros Editores, p. 532).

<sup>17</sup> O contrato é de 22 de Maio de 1743.

<sup>18</sup> «a capella mor está feyta ao moderno, e se reformou no anno de mil septecentos, e sincoenta, e sinco». SOUSA, Fernando de; GONÇALVES, Manuel Silva – Vila Real no século XVIII, in *Estudos Transmontanos e Durienses*, nº 7. Vila Real: Arquivo Distrital de Vila Real, 1997, p.34. Sabemos que em 1753 os pedreiros Sebastião Durão e Manuel Rodrigues foram contratados para executar a abóbada da capela-mor. Cf. MARINHO, Natália; FERREIRA-ALVES, Joaquim J.B. – *A igreja de S. Domingos de Vila Real no século XVIII*. Vila Real: Núcleo Cultural Municipal de Vila Real, Cadernos Culturais – 5, 1979, p. 37-39.

conjunto de arquitectura setecentista. Para a sua execução<sup>20</sup> foi contratado, pelo prior Fr. Luís da Silva, e «os mais Religiozos deste Convento», o mestre pedreiro José Pereira Braga, residente na cidade de Braga, e figura conhecida no seu ofício.

O «mestre canteiro» teria que fazer uma torre sineira, «junto a cappella mor da igreja do mesmo pela parte de fora do lado direito», assim como uma casa «junta a mesma», segundo os apontamentos e projecto assinados pelo prior e o mestre pedreiro. A obra seria iniciada em 8 de Outubro de 1743 e teria que estar concluída ao fim de oito meses, o que seria Junho de 1744. O mestre pedreiro, além do pagamento (830.000 réis), receberia por parte dos dominicanos de Vila Real, casa «em que durma e reçam de jantar e ceia como a qualquer religioso» do Convento de São Domingos.

Se desconhecemos, até ao momento, o autor do risco da torre dos sinos, sabemos quem a executou – José Pereira (ou José Pereira Braga), um dos muitos mestres pedreiros de Entre Douro e Minho que trabalharam em Trás-os-Montes<sup>21</sup>, e que, pela obra que executou, pressupomos que seria alguém com experiência. No documento é referido como viúvo e morador em Braga, cidade onde alguns anos antes trabalhou um José Pereira (mestre pedreiro) que arrematou em 1738, de parceria<sup>22</sup>, a obra da torre dos sinos do Convento do Salvador de Braga<sup>23</sup>. Com «obra documentada no período de 1733 a 1738»<sup>24</sup>, poderá ser o mesmo artista que aparece em Vila Real, em 1743. Do que os dominicanos encomendaram a José Pereira Braga resta a torre. A casa, levantada na mesma altura e visível numa pintura<sup>25</sup> que representa o incêndio de 1837<sup>26</sup>, já não existe.

A torre (Fot. 1) localiza-se de uma forma original, já que não se encontra ao lado da fachada nem na continuação da cabeceira da capela-mor, como é usual. Situa-se ao lado daquela última, o que coloca um dos seus lados no início dessa fachada barroca que enobrecia «o Campo do Tabolado, para onde tem as

---

<sup>19</sup> «Em 1728 foi mandado reformar o dormitorio que olha para o Tabolado, ficando uma vasta galeria com 2 andares e 34 janellas».

<sup>20</sup> MARINHO, Natália; FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – ob. Cit., p. 31-32.

<sup>21</sup> FERREIRA-ALVES, Natália Marinho, FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. – *Alguns artistas e artífices setecentistas de Entre Douro e Minho em Vila Real e seu termo. Subsídios para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam em Trás-os-Montes nos séculos XVII-XVIII (II)*. Braga: 1981 (separata da Revista Bracara Augusta, vol. XXXV).

<sup>22</sup> Com os mestres pedreiros: João da Costa e Domingos Fernandes. Cf. OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *O edifício do Convento do Salvador. De mosteiro de freiras ao lar Conde de Agrolongo*. Braga: 1994, p. 259.

<sup>23</sup> ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Arquitectura civil e religiosa de Braga nos séculos XVII e XVIII. Os homens e as obras*. Braga: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão. Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 1994, p.162-163

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Eduardo Pires de – ob. Cit., p. 108.

<sup>25</sup> Na sacristia da igreja (1979).

<sup>26</sup> «Esta igreja foi reduzida a cinzas na noute de 21 de Novembro de 1837, por se lhe comunicar o fogo que teve principio no convento pelas 9 horas da noute, aonde se achava aquartelado o Batalhão de Caçadores nº 3, escapando apenas a capella mor». A.D.V.R., Relação de Vila Real e seu termo, fl. 483 (cópia do século XIX existente no Arquivo Distrital de Vila Real).

suas cazas e janellas de divertimento»<sup>27</sup>, e que ainda hoje monumentaliza esse espaço de Vila Real. Esta localização, que nada tem a ver com o que sobre torres sineiras escreveu São Carlos Borromeo – «Il campanile serà costruito di fianco all'atrio o al portico, nella parte più vicina alle porte della chiesa; dove non c'è portico, sull's destra di chi entra, e separato su ogni lato dal muro della chiesa, in modo che si possa compiere il suo circuito.»<sup>28</sup> – evidencia e realça os três corpos em que se divide. Estas três secções são enquadradas por possantes pilastras de canto e rasgadas por vãos, alguns dos quais rematados por segmentos curvos (que lembram a lição de Borromini). No coroamento rasgam-se os grandes vãos dos sinos. No corpo intermédio, os relógios são enquadrados por elementos de recorte elaborado. Todo este conjunto é rematado por uma balaustrada, com urnas nos quatro cantos, e um elegante remate central de forma bulbosa com um pináculo de acentuado recorte.



**Foto 1** – Vila Real. Torre sineira da igreja de São Domingos, actual Sê.  
(fotografia do autor)

### 3. A torre da igreja de São João de Arroios (1782)

Por escritura pública<sup>29</sup> de 20 de Novembro de 1782<sup>30</sup>, foi contratado, pelo padre Jerónimo de Carvalho, «vigario da igreja de Sam Joam de Aroios», e por José Rodrigues, juiz da mesma igreja, o mestre pedreiro João Lourenço da Costa, do

<sup>27</sup> SOUSA, Fernando de; GONÇALVES, Manuel Silva – *Memórias de Vila Real*, vo. II. Vila Real: Srquivo Distrital de Vila Real. Câmara Municipal de Vila Real, p. 318.

<sup>28</sup> BORROMEIO, Carlo (S.) – *Instructionum Fabricae et Supellectilis Ecclesiasticae Libri Duo*, vol. I. S/I: Cesano Maderno, 1983, p. 137.

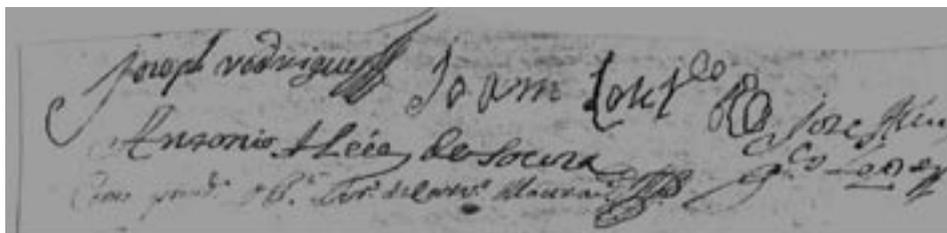
<sup>29</sup> A. D. V. R., Secção Notarial, maço 126, livro 71, fl. 79v.-80v. Documento referido em: FERREIRA-ALVES, Natália Marinho e FERREIRA-ALVES, Joaquim J. B. – Subsídios para um dicionário de artistas e artefices que trabalharam em Trás-os-Montes nos sécs. XVII-XVIII (I). Porto: Separata da *Revista de História*, vol V, 1983-1984, p. 12.

Fiador: António Alves de Sousa, do lugar de Mateus.

Testemunhas: José Alves e Gonçalo Lopes.

<sup>30</sup> «nesta villa de Gallegos».

lugar de Mateus, para executar uma nova torre sineira para a igreja de São João de Arroios. A «torre velha», depois de demolida, seria substituída por uma nova<sup>31</sup>, feita conforme os apontamentos<sup>32</sup>, transcritos no contrato notarial. A obra teria que estar concluída no prazo de um ano após o seu início.



Fac-símile das assinaturas do contrato da construção da nova torre da igreja de São João de Arroios

A torre de estrutura quadrangular divide-se em três corpos, ladeados por pilastras de canto. Os dois corpos superiores apresentam menor largura em relação ao primeiro, que por sua vez é mais elevado. O coroamento, rasgado pelas sineiras, rematado por um coruchéu, é ladeado por pináculos, levantados no prolongamento das pilastras de canto. Este remate, devido ao movimento dado à estrutura piramidal e aos pináculos, contraria a severidade com que se apresenta a torre sineira da igreja de São João de Arroios.



**Figs. 2 e 3** – Arroios: Igreja e torre da igreja de São João de Arroios (fotografias do autor)

<sup>31</sup> Pela qual receberia 190.000 réis.

<sup>32</sup> «Primeiramente será demolida a torre velha procurando o firmamento de pedra dura ou salam athe a suprefiçe da terra e sera emseleirada\*\* e terá dezaseis palmos de vivo o vivo ficando incluzos os panos dos cunhais nas mesmas grosuras levando seu soco e vaza ao nivel da terra desta suprefiçe para sima subiram os cunhais e fica regular medida conforme os da igreja athe o nivel do intabolamento da igreja currendo todo este banco em roda na mesma forma que se (?) coroaara estes cunhais somente na forma do risco deste para sima fara o corpo com sua demenuçam nos cunhais esta tamento (sic) nas paredes na sua porpuçam seguindo este corpo o banco das soleiras de sima ao nivel de todo remate da igreja e este sera feito conforme mostra o risco e dahi para sima na forma que mostra o risco sera toda esta cantaria acentada em po de pedra e a alvenaria em barro bem acentados toda desempenada por huma

## 5. A torre da igreja de São Martinho de Anta (1796)

Em 2 de Novembro de 1796<sup>33</sup>, foi feita uma escritura entre o mestre pedreiro João Correia de Matos, do lugar de Mateus, e o juiz (José Correia de Carvalho) e o mordomo (Manuel Correia de Carvalho) da igreja de São Martinho de Anta, pela qual o mestre de pedraria se obrigava a executar a torre da referida igreja, que havia arrematado «a vista do risco que ahi foi apresentado na dita aremataçam» e segundo os apontamentos<sup>34</sup> que o acompanhavam. A torre deveria estar concluída



Fac-símile das assinaturas do contrato da construção da torre da igreja de São Martinho de Anta

e outra parte com juntouros neserarios de cinco em cinco palmos e levava os cunhais das sineiras cada hum sua pedra que faça ombreira as mesmas sineiras e cunhal para a boma (sic) seguransa tera esta obra da supreficie do arco batisteiro (sic) huma escada de patio com os degraos neserarios de tres palmos de largo serem acomodados na melhor forma que puder ser levava huma escada arumada a costam da igreja para dar entrada para a mesma torre a parede da costam da igreja será demulida no vam da torre para (?) for o arco batistel (sic) que se acha na mesma costam procurado o fundamento do alicerce com segurança que possa receber os cunhais da mesma torre em supreficie da mesma costam a coal obra digo a cal e barro posta a custa da freiguezia e toda a pedra neseraria a custa da freiguezia declare que as paredes do primeiro corpo terem coatro palmos e meio de groço o segundo ficara de tres e meio e terceiro de tres declarão que toda a pedra que faltar de cantaria e alvenaria ficará obrigado o mesmo mestre Joam Lourenço a cortar o carro de vinte e dois palmos a duzentos e corenta reis de cantaria e alvenaria a cem reis o carro».

\* salão – barro grosso; \*\* ensoleirar – fazer o nivelamento geral dos alicerces que serve de base às paredes propriamente ditas.

<sup>33</sup> A. D. V. R., Secção Notarial, maço 51, livro 10, fl. 82v.-85. Documento referido em: FERREIRA-ALVES, Natália Marinho e FERREIRA-ALVES, Joaquim J.B. – ob. cit., p. 20.

Fiador do mestre pedreiro: Bernardo José de Matos, do lugar de Mateus.

Fiadores dos oficiais da igreja: Domingos Gonçalves; José António da Silva Marinho e José Caetano da Rocha, todos de São Martinho de Anta.

Testemunhas: Francisco José de Carvalho Araújo, de Vila Real; e José Ferreira, de Mateus.

<sup>34</sup> «observando o perseito das tres linhas pripendicular plena e reta sera toda bem acascada e ajuntourada de sinco em sinco palmos toda a dita torre tanto os alicerces como tudo o mais sera feita por conta delle rematante os alicerces os afundarão athe chigar a pedra ou terra firme e terão cortes por fora e por dentro athe a suprefice das soleiras levava a dita torre de baixo da escada hum comodo para tizouro do asouro (sic) do azeite do Santissimo e mais duas portas na perporsão daquella do tizouro huma para a entrada da torre e outra em sima do patio da escada da entrada para o coro. Levava mais tres friestas huma para o Puente e outra para o Norte e outra para o Nasente e sera asente toda a cantaria em cal peneirada e po de pedra sera toda a pedraria da terra da Senhora da Azinheira e sera a alvenaria asente

até finais de 1797, recebendo o mestre pedreiro 740.000 réis, pagos em quatro pagamentos<sup>35</sup>.

A torre sineira, ligeiramente recuada em relação ao frontispício da igreja, divide-se, como as duas anteriores, em três corpos, com a mesma largura, cujo coroamento, rasgado pelas sineiras, é rematado por um coruchéu ladeado por pináculos.



**Figs. 4 e 5** – São Martinho de Anta: Igreja e torre de São Martinho de Anta  
(fotografias do autor)

## 6. Conclusão

As três torres sineiras estudadas neste trabalho, levantadas no século XVIII, apresentam como característica comum serem obras executadas posteriormente à construção da igreja e a estrutura tripartida. A torre sineira da igreja do Convento de São Domingos, exemplar magnífico do Barroco nortenho, vai, pela sua localização, fazer parte integrante de uma fachada que nobilitou um dos espaços públicos mais importantes da cidade. A torre de Arroios e a de São Martinho de Anta representam a realidade arquitectónica de Trás-os-Montes do último quartel de Setecentos: a permanência, mais ou menos acentuada, de uma linguagem tardobarroca e a afirmação de um classicismo, que é já dominante da torre sineira da igreja de São Martinho de Anta.

---

em salam (sic) trasada com cal sendo todo o corte da pedra e carreto de tudo per conta delle rematante assim como toda a mais despeza e aprestes para a dita obra salam e cal tudo por sua conta fazendo assim a dita torre de toda a pedraria».

<sup>35</sup> «o primeiro no principio da obra que he assim que precipiar a cartar pedra e a segunda em estando feito o primeiro corpo e terseiro quando a torre esti[ver] feita athe as sineiras e o quarto e ultimo depois de finda a obra e revista cuja revista sera feita dentro em oito dias dipois da obra acabada cuja revista sera feita a custa da igreja».